COMISSÃO PARA OS DIREITOS
DO POVO MAUBERE
Rua Pinheiro Chagas, 77 - 2.º Esq.
1000 LISBOA - PORTUGAL

TL 2658

ESTRATÉGIA DOS EUA NA BACIA DO PACÍFICO

O fim da II Guerra Mundial veio pôr termo à estratégia militar expansionista do Japão e marca o início da acção sistematizada por parte dos EUA para controlar militarmente a Bacia do Pacífico.

O desmantelamento do poderio militar nipónico e as condições de dependência em que o Japão ficou em relação aos EUA, permitiu aos americanos a construção de bases militares em pontos estratégicos do Pacífico que lhe garantissem o controlo da zona. O Japão, a Coreia do Sul, as Filipinas, a Formosa e a Austrália, seriam numa primeira fase os principais pontos de apoio da estratégia militar norte-americana.

Tendo como preocupação primária o controlo do acesso da URSS ao Pacífico e a vigilância da costa chinesa, os EUA constroem um anel de bases militares que se estendem do Alasca à costa chinesa, com importantes bases no Japão, na Coreia do Sul e nas Filipinas (Subic Bay é uma das mais importantes bases). Paralelamente é estabelecida uma segunda linha de bases militares no sentido sudoeste/nordeste, com bases na Austrália, Singapura, Palau, Guam, Wake, Midway, entre outras que cercam uma das mais ricas zonas do globo em matérias-primas e patrulham a passagem do oceano Índico para o oceano Pacífico.

O estudo atento da localização das bases americanas, revela claramente a preocupação de controlar os acessos às fontes de matérias-primas e de energia. As rotas entre a América e a Ásia, quer através do Mediterrâneo

quer através do Atlântico-Índico, passando ao sul da África, são disso testemunho. O acesso, por estas rotas, ao oceano Pacífico, fazia-se através do golfo de Bengala , guardado pelas bases de Singapura, Tailândia e Vietname. A entrada de submarinos no Pacífico processava-se então através do mar do sul da China onde a profundidade do mar é suficiente para permitir a passagem sem risco de serem detectados do exterior.

Com a derrota americana no Vietname e a montagem de uma importante base soviética no sul daquele país, a passagem discreta dos submarinos americanos ficou comprometida. Os submarinos americanos vêem-se assim forçados a fazer a travessia Pacífico/Índico, através das águas territoriais da Indonésia e de Timor, zona onde o mar é também suficientemente profundo para prevenir a detecção da passagem do exterior. Só esta necessidade de cruzar os mares da Indonésia já condicionaria a política americana face àquele país. Mas a importância estratégica da Indonésia, na Bacia do Pacífico e, em particular no Sueste Asiático não é apenas militar.

As enormes riquezas em recursos naturais concentram na Bacia do Pacífico as melhores potencialidades mundiais de desenvolvimento económico. A par dos combustíveis cujas maiores reservas mundiais se concentram na zona que integra o Brunei, a Indonésia e Timor Leste, são extremamente elevadas as riquezas em manganésio, estanho, zinco, alumínio, cobre, níquel e outros minerais de indiscutível importância para o desenvolvimento industrial e em particular para as indústrias modernas.

No fundo do oceano Pacífico encontram-se grandes conglomerados de nódulos polimetálicos de elevado conteúdo de manganésio da melhor qualidade. Prevê-se que a sua exploração se inicie ainda durante esta década.

A estratégia militar dos EUA está, pois, subordinada a uma estratégia económica de longo prazo e de grande alcance cuja implementação passa pelo controlo militar absoluto da Bacia do Pacífico. A necessidade de, por um lado, assegurar a passagem de submarinos americanos junto à costa de Timor e através da Indonésia e, por outro lado, dominar a exploração dos recursos da zona e em particular da Indonésia, é absolutamente determinante do alinhamento dos EUA e dos seus aliados (como por exemplo a Austrália) com a política anexista e exterminista da Indonésia face a Timor-Leste. Além disso, a habilidade diplomática com que a Indonésia se tem movimentado face ao problema do Cambodja e do Vietname, longe de prejudicar os EUA, conferem à Indonésia um prestígio internacional que muito favorece a política norte-americana.

A posição da Indonésia é pois suficientemente forte para fazer vergar os EUA que para garantirem a exploração dos seus recursos não hesitam em apoiar os massacres de um povo que luta pelo direito à sua autodeterminação e à sua identidade cultural.

Os massacres brutais que a Indonésia faz abater sobre o povo Maubere, onde dezenas de milhar desapareceram, foram presos ou assassinados é o preço da exploração dos recursos económicos da Indonésia por parte dos EUA.

Lisboa, 7 de Maio de 1985